

IRACEMA E O LEITOR.COM: UMA PRÁTICA DE LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DAS REDES DE COMUNICAÇÃO ON-LINE

Daniela Silva¹

O professor de literatura no século XXI, mais do que nunca, tem como um de seus desafios lidar com alunos que nascem em berço digital e com aqueles que têm de migrar para o universo de *bits* e *bytes*. Como tornar interessante a leitura e o ensino de literatura em tal contexto? O presente trabalho tem como objetivo apresentar a reflexão de uma prática nesse sentido. Trata-se da construção de uma prática metodológica, usando como metáfora as redes de comunicação on-line, em que é trabalhado o romance de José de Alencar, *Iracema*, e suas relações com a música popular brasileira. Embasam minha proposta os conceitos de “plausibilidade”, “aceitabilidade intersubjetiva” ou “interesse”, propostos por Schmidt (1996). Além desses, o de “presença”, desenvolvido por Gumbrecht (1999), entendido como algo ‘tangível’ ou que está ao alcance das nossas mãos, portanto, passível de entendimento e significação, como as redes de comunicação on-line para os alunos digitais. A conjunção entre o formato das redes on-line e as teorias sobre a literatura também são aspectos positivos quando desejamos tornar a leitura literária mais atrativa para o leitor.com.

1 Berço digital

Você fica horas em frente ao computador – conectado à Internet – gosta de conversar com seus amigos no MSN, enquanto ouve música no *Winamp* ou assiste a um vídeo no Youtube? Ah, também tem e-mail, Orkut, Facebook, Flickr, Blog, Vlog e Twitter? Lembra do seu *Attari*, mas agora tem um Wii ou um Nitendo 3dsi? Era (é?) fã da Malhação e da MTV e agora curte *Hannah Montana*, *High school musical*, *Crepúsculo*? É inquieto e prefere (tem de?) fazer várias coisas ao mesmo tempo? Nasceu entre 1978 e os dias atuais? Isso não é um teste, mas, se respondeu “sim” à maioria das questões, sem dúvida, você pertence à “Geração Y” ou “Homo Zappiens”. Com exceção de *Hannah Montana*, *High school musical* e *Crepúsculo*, minhas respostas colocam-me no grupo.

¹ Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)

Nasci em 1978 e, hoje, século XXI, sou professora de Literatura. Por essa razão, meu olhar sobre as questões voltadas ao ensino nessa era é “duplo”, e tem como ponto de partida “o lado de dentro”. Duplo, porque me coloco, ao mesmo tempo, como aluna e educadora; “de dentro”, em virtude de ter vivenciado/estar vivenciando problemáticas inerentes a esses contextos.

2 Uma sala de aula de *bits* e *bytes*

Quem nasceu “em berço digital” tem fome de quê? Essa foi a pergunta que me fiz antes de começar a preparar a aula que seria dada a um grupo de alunos (a maioria da Geração Y), provenientes da rede Escolar de Porto Alegre, em 2006. A oportunidade partiu de um projeto, intitulado “Relendo a Literatura”, coordenado pela Prof^a Maria Tereza Amodeo, da Faculdade de Letras da PUCRS, a que se vincula o Programa de Pós-Graduação em Letras da Instituição, onde realizava o doutorado em Teoria Literária. Posicionando-me no lugar do público com o qual iria dialogar, perguntei-me: que metodologia poderia ser construída no sentido de tornar o ensino de Literatura Brasileira atrativo para ambas as partes – afinal de contas, o prazer, assim como o ensino, têm de estar aliados e acontecer nas duas direções.

Na época, grande parte dos internautas brasileiros atribuía preferência ao Orkut como ambiente de interação, na Internet. Tendo em vista que os fins justificam os meios, tomei como base os moldes nos quais o Orkut se sustenta(va): uma rede social de comunicação, para troca de informações e alargamento do grupo de amigos. Depois disso, transportei tais argumentos para a sala de aula e criei um espaço para discutir *Iracema*, romance de José de Alencar. Tinha o molde ou a receita, mas faltava a “liga” para dar sentido ao “bolo” ou aula.

Nesse momento, fui procurar subsídios na música popular brasileira. Para fazer crescer o “bolo-aula” e orientá-la, além disso, fiz uso das teorias literárias provenientes da área de pesquisa de meu interesse: a História da Literatura. Coloquei tudo no forno – o Computador – transformei em slides. Faltava, entretanto, dar sabor, o que foi realizado através da escolha de diferentes recheios para dar forma à cobertura para e, finalmente, cortá-lo. Essas últimas etapas aconteceram em sala de aula, com a ajuda dos meus companheiros de geração: os alunos.com.

3 De geração Y para geração Y

No dia quatro de outubro de 2006, *alunos.com* chegavam, procurando acomodar-se para ter uma aula de Literatura Brasileira sobre *Iracema*. Causou-lhes estranhamento, no entanto, a projeção de um *slide* com duas perguntas: 1. “O que é o *Orkut*?” e 2. “O que é uma comunidade no *Orkut*?” As respostas, inicialmente, mostraram-se envergonhadas. Depois do primeiro sussurro, quase todos começam a responder. “O *Orkut* é uma rede na Internet”, “onde se faz amigos”, “encontramos pessoas”, etc. A terceira pergunta (que me ocorreu na hora): “quem está no *Orkut*?” A maioria ergueu o braço (inclusive eu!). Do grupo de aproximadamente 50 alunos, poucos não tinham seu espaço pessoal no ambiente ou na “comunidade on-line que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis,”² criada pelo turco ligado à Stanford University e que trabalha para a Google, Orkut Buyukkokten.³ Expliquei que o *Orkut* traz o nome de seu criador e se constitui como um dos maiores fenômenos da Internet (senão o maior, apesar do *YouTube*), no final do século XX e início do XXI, especialmente no Brasil.

Estava dado o pontapé inicial. Na sequência, puderam ver outros slides, em que *Iracema* aparecia com um perfil ou *profile* construído a partir de informações retiradas do romance de Alencar. Ouvimos e interpretamos as canções, tendo como norte, tal qual o caso do perfil, o texto literário. Antes de adentrarmos na obra literária propriamente dita, fomos lendo-a em partes, por meio de variadas interpretações, diretas ou indiretas, oportunizadas pela música popular brasileiras, como se a sala-de-aula fosse uma comunidade, através da qual discutíamos literatura; como se o aluno estivesse exercendo o papel de internauta, contribuindo com depoimentos/opiniões sobre o romance, por meio das perguntas postas para debate. As diferentes perguntas colocadas norteavam-se pela seguinte proposição: “Que tipo(s) de brasileiro podemos ler através das canções?”, a qual permitiu a percepção histórica dos efeitos ou releituras do projeto romântico através da linguagem musical, em diferentes gêneros: rap, axé, intimismo, tropicalismo, sertanejo.

Por que minhas interrogações direcionam-se para o ensino, planejei uma aula (que não deixou de ser um *chat*), em que as pessoas puderam construir muitos amigos. Como em uma comunidade, um espaço a que fosse possível “conectar-se”. Nesse caso, não apenas com amigos de carne e osso, mas com os de papel, tinta e palavras, como os

² Ver: <https://www.orkut.com/>

³ Sobre o assunto consultar: <http://www.widebiz.com.br/gente/vivaldo/socialnetmodismo.html>

livros e o conhecimento que oferecem. A janela do Orkut é uma *interface* entre seu criador e o usuário, bem como entre usuários. No caso da aula, uma “educadora Y” pode ser a *interface* entre alunos e saberes. O professor é um mediador entre estudantes e conhecimento. Há nessa relação um acordo de implicabilidade; um contrato do qual depende o aprendizado. Para tanto, é necessário trilhar um caminho, começando pela escolha do assunto e da metodologia. Além disso, escolher uma concepção de educação (ou mais) e colocá-la em prática. Tal concepção norteará o trabalho em sala de aula, assim como o ferramental teórico sobre o qual me baseio determinou minha prática e o que entendo por ensino.

Veja o perfil de Iracema:

[Iracema – José de Alencar]

Música Literatura Imagens

 iracema.joseddealencar



- fAIE
- PaRtIclpE
- dlsCuTa
- oPiNe

Iracema

Sobre mim:
A virgem dos lábios de mel; hálito de baunilha; pé grácil; cabelos longos e negros como a asa da graúna.

Estado civil: solteira/ “casa”
Etnia: Tabajara
Línguas que eu falo: tupi
Estilo: alternativo
Cidade natal: Ceará
Atividades: guardar o segredo de Jurema
Filhos: sim, Moacir
Cozinha: indígena

Amigos (7)

 Jandaia (100)	 Grauna (67)	 Sabiá (0)	 José de Alencar (2000)
 Martin (101)	 Pocahontas (900)	 Tupã (5000)	

Comunidades (3)

 Pássaros (1000)	 Palmeiras (230)
 Eu leio Iracema (230)	

4 Fios

Se na Internet fui buscar os elementos para a organicidade da metodologia, na teoria literária encontrei as informações que embasaram a proposta. Nesse caso, contei com o apoio do ferramental teórico de diferentes áreas, como da Teoria da Literatura, de Sistemas e da Educação.

Apoiado na psicobiologia, Siegfried J. Schmidt aponta, no artigo “Sobre a escrita de histórias da literatura – Observações de um ponto de vista construtivista”, publicado *História de literaturas – As novas teorias alemãs*, que a mudança no modo como os historiadores percebiam a história literária ocasionou transformações de ordem metodológica. Propôs olharmos para a questão através dos conceitos de “plausibilidade”, “aceitabilidade intersubjetiva” e “interesse”.

Hans U. Gumbrecht discute em *Procution of presence* que a leitura, no caso a de histórias da literatura, passa pelo conceito de “presença”. Tal conceito apresenta-se como algo tangível; ao alcance das mãos, podendo, pois, ser mensurado pelo leitor. A tangibilidade para Gumbrecht passa além dos limites da narratividade, dando-se pelas escolhas aleatórias do leitor, frente aos caminhos que um texto oferece.

A denominação “homo zappiens”, utilizada para caracterizar a geração Y, proveniente do trabalho de Wim Veen e Ben Vrakking, encontra-se em *Homo zappiens*: educando na era digital. Além de descreverem o comportamento da nova categoria de aprendizes, também se voltam criticamente para o habitat dessa geração, refletindo acerca de perspectivas para adequar o contexto que integram, no caso, aquele em que dialogam com a televisão, o telefone e a internet – à sala de aula e aos professores que têm de lidar com tal público de alunos.

Na contracapa do livro de Veen e Vrakking, *Homo zappiens* – educando na era digital, os autores apresentam o seguinte posicionamento:

enquanto julgarmos a geração *homo zappiens* por nossos velhos parâmetros, nunca entenderemos como seus modos de brincar e comunicar-se são, na verdade, estratégias que começam a surgir para lidar com nosso futuro digital e criativo.

A citação vem ao encontro da proposta de aula que descrevo, bem como daquelas procedentes da história da literatura. Importa que novas metodologias sejam desenvolvidas, porém, mais ainda, que estejam a serviço dos novos leitores. Afinal,

escrevemos para quem? Se o leitor transformou-se, por certo que o texto tem de adequar-se às práticas de leitura, as quais, do ponto da metodologia que ora encaminho, necessitam ser plausíveis, portanto, aceitáveis e despertar interesses no aluno. Para tanto, devem ser tangíveis, ou seja, significativas, como a presença do *Orkut* e da música para os alunos digitais.

5 Outras aldeias

Tendo feita a primeira apresentação, como aconteceu com a personagem de Alencar, essa outra, a Iracema de *bits* e *bytes*, esteve pronta para sair de sua aldeia inicial: foram sete as ocorrências da aula, no Rio Grande do Sul, e a apresentação de um pôster no X ECEL, no Rio de Janeiro. Durante as apresentações e debates, houve interatividade e participação dos alunos.zappiens.com.y, através de depoimentos como: “assim até dá vontade de ler Iracema.” A frase marcou a trajetória da professora-y porque veio de uma menina que participou da única ocorrência da aula em que não tinha *PowerPoint* – talvez tenha sido essa a ocasião em que houve mais discussão.

Através de depoimentos nesse sentido, foi possível a comprovação da hipótese inicial: a adequação da sala de aula ao *enviroment* do aluno permite uma conexão com o literário, exigindo a adaptação do professor às mudanças.

O pensamento do aluno da geração Y é ilinear. A sala de aula e o professor têm de se adaptar ao novo contexto. Tenho sorte de ter nascido em berço digital e como educadora conhecer as linguagens de que falam e as línguas que usam para interagir. Por ter essa perspectiva – privilegiada? – um olhar de dentro, compreendo-os. Percebo que gostam de aprender de uma forma parecida com a minha: brincando, jogando, interagindo. Os autores também falam que esses alunos não querem “entender” a tecnologia que, “elas [as crianças] simplesmente a usam”. Nesse sentido, entra a outra parte do meu duplo, o literário, que não tem nada a ver com sorte, mas com uma escolha profissional consciente, a qual tem por expediente, dentre outros fatores, humanizar o aprendizado dos *homo zappiens*. Por ter certeza do quão importante é a literatura nesse processo, é que os fins (a leitura literária, o aprendizado cultural e histórico, a promoção das relações entre diferentes linguagens, a manutenção do literário como patrimônio histórico das civilizações, o ensino, os jogos interativos) justificam os meios (uso de suportes tecnológicos). Não é mesmo, leitor.com?

Referências

- ALENCAR, José de. *Iracema: a lenda do Ceará*. São Paulo: Ática, 1976.
- BARBOSA, Adoniran. *Iracema*. 1956.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. Tradução e prefácio à 2. ed. Gênese. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CASCATINHA e INHANA. *Iracema. Anos 40*.
- _____. *Índia*. 1956.
- FACASPER. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/cultura/site/ensaio.php?tabela=&id=238>
- HOLANDA, Chico Buarque. *Iracema voou*.
- ITAÚ CULTURAL. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/poesia/index.cfm?fuseaction=Detalhe&CD_Verbete=3915. Acessada em: set, 2006.
- <http://cifrantiga3.blogspot.com/2006/04/adoniran-barbosa.html>. Acessada em: set, 2006.
- IRACEMA. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=13911236>. Acessada em: jun e nov, 2009.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. 2V.
- MARDEN, Beto. *Iae Tia Iracema*. Disponível em: <http://www.muitamusica.com.br/1335-beto-marden/73464-iae-tia-iracema-mc-ze/letra/>. Acessada em: nov, 2009.
- SILVA, Márcia Maria de Moraes da. A polifonia nas letras das canções de Caetano Veloso. *Falla dos Pinhaes*, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.2, n.2, jan./dez. 2005.
- TRIBAHIA. *Iracema*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/tribahia/801162/>. Acessada em nov, 2009.
- VELOSO, Caetano. *Tropicália*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/44785/>. Acessada em: nov, 2009.
- VEEN, Wim, VRAKKING, Ben. *Homo zappiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIEIRA, Nelson. Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária. In: MOREIRA, M. E. (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 95-114.

WIKIPÉDIA. Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: set. 2006.